

Auxílios que não auxiliam - Preconceito racial em comentários de Bíblia de estudo

Ezequiel de Souza

Com a Reforma Protestante do século XVI, houve uma “popularização da Bíblia: sua tradução para diversos idiomas e a invenção da imprensa tornaram-na acessível ao povo e reduziram seu custo de confecção.

No Brasil, a Bíblia é muito difundida principalmente no meio protestante. Há vários anos ela está entre os livros mais vendidos. Sua leitura serve de base para a formação do caráter e da opinião de um grande número de brasileiros, bem como para legitimar muitas práticas preconceituosas.

Atualmente há muitas Bíblias que trazem auxílios para a leitura e elas têm aumentado consideravelmente nos últimos anos! A nossa preocupação é quanto à divergências de conteúdo que existe entre esses auxílios e quanto à forma como são utilizados, uma vez que chegam, juntamente com as Bíblias, aos mais diversos grupos de pessoas.

Tentaremos demonstrar o porquê de nossa preocupação, utilizando-nos de dois exemplos: os textos de Amós 9.7 e Jeremias 38.7-13. Chamamos especial atenção para Amós 9.7:

Não sois vós para mim, ó filhos de Israel, como os filhos dos etíopes? diz o Senhor. Não fiz eu subir a Israel da terra do Egito, e de Caftor, os filisteus, e de Quir, os siros? (Am 9.7)

Trabalharemos com comentários de quatro Bíblias diferentes: a *Bíblia de Estudo Almeida*, a *Bíblia Edição Pastoral*, a

Bíblia Anotada e a *Bíblia de Jerusalém*. A forma como os comentários dessas Bíblias de estudo abordam esse texto serve para ilustrar que precisamos ter um pouco mais de cuidado ao lê-los. Vejamos os comentários:

9.7: *Não sois vós para mim ... como os filhos dos etíopes?*: Por ter assumido os seus privilégios de povo eleito por Deus ser ter aceitado as responsabilidades decorrentes (ver Am 3.2, nota c), os israelitas haviam-se colocado no mesmo nível dos etíopes, um povo menosprezado pela cor de sua pele e pela sua humilde condição social. Os etíopes eram habitantes do vale do Nilo, situado ao sul do Egito (ver Gn 10.6, nota g). Ac que tudo indica, muitos desses etíopes viviam no estrangeiros ganhando a vida como criados (cf. Jr 38.7-13). (*Bíblia de Estudo Almeida*, p. 960)

7-10: Israel não tem nenhum privilégio: por causa da sua conduta moral está na mesma situação que as outras nações, e



até pior. Deus, porém, não julga cegamente: ele vai separar os pecadores daqueles que permanecem fiéis. (*Bíblia Edição Pastoral*)

9.7: Todas as nações estão sob o controle de Deus; assim, os israelitas não deveriam pensar que eram o único povo em que Deus tinha interesse. (*Bíblia Anotada*, p. 1121)

d) Isto é, um povo perdido nos confins do mundo (o atual Sudão). Israel não tem, pois, motivo para considerar-se o “primeiro dos povos” (6.1). (*Bíblia de Jerusalém*)

Podemos perceber que esses comentários são preconceituosos em relação ao etíopes/negros, pois podem dar margem a interpretações racistas por parte de seus leitores. Num país como o Brasil, que se diz ser uma “democracia racial”, podemos perceber que o racismo é disseminado de forma muito sutil. Basta estudarmos sobre quem eram os etíopes/negros da era bíblica para percebermos isso.

O povo etíope/negro era um povo guerreiro, muito temido pelos outros povos (cf. Is. 18.2). Eles habitavam a terra de Meróe/Cush, ao sul do Egito. Na história da humanidade, podemos estudar que os faraós da 25^a dinastia do Egito eram provenientes desse povo. Na Bíblia também podemos encontrar várias menções a etíopes/negros, pois eles participaram de muitas empreitadas do exército egípcio como, por exemplo, a do faraó Sisaque contra Jerusalém (cf. 1Rs 14.25s). O relato paralelo de 2Cr 12.3 diz que entre seus combatentes estavam “líbios, suquitas e etíopes”. O rei Asa

guerreou contra um exército liderado por um etíope. O relato está em 2Cr 14.9ss. O evangelista Felipe batizou um eunuco etíope, que, por sua vez, já conhecia a tradição judaica (cf. At 8). O profeta Sofonias é filho de Cusi que pode ser traduzido como negro. Além desses, há muitos relatos sobre etíopes/negros na Bíblia.

Vamos deter nossa atenção sobre o texto de Jeremias: durante a prisão de Jeremias em uma cisterna (Jr 38.7-13), um etíope/negro chamado Ebede-Meleque pede ao rei Zedequias que liberte Jeremias. A referência ao texto de Jeremias tenta legitimar as afirmações do comentarista. Há, contudo, outras possibilidades de interpretação dessa passagem de Jeremias: Ebede-Meleque significa, literalmente, “servo do rei”, mas há outras formas de traduzir esse nome: vassalo, ministro, oficial, empregado...

Será que, no entanto, um escravo teria tanta influência sobre um rei? Não é mais coerente pensarmos que se trata de um ministro ou oficial? A favor da hipótese de que ele era um oficial está a constante afirmação: “sou teu servo, ó rei!”, que aparece várias vezes no Antigo testamento. Davi assim se dirige ao rei Saul (cf. 1Sm 26.18) e nem por isso alguém o considera escravo ou criado! É de, no mínimo, se estranhar que haja tal diferenciação.

Após uma longa história de escravidão no Brasil, é quase automático pensarmos que se trata de um escravo negro, sem ao menos

passar em nossas mentes a possibilidade de que esse negro possua um cargo de alta confiança.

Creio que “auxílios à leitura” devem ser mais críticos e menos tendenciosos. O plano de salvação é para todos os povos, não importando a cor da pele ou a cultura. Uma lição, no entanto, podemos tirar disso: ler com mais atenção e criticidade o que

está para nos “auxiliar”, pois muitas vezes isso acaba atrapalhando, dificultando a construção de nossa identidade étnica e cultural.

Ezequiel de Souza

(ezequiel_souza@yahoo.com.br)

Estudante de teologia na Escola Superior de Teologia (EST); E. de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Integrante do Grupo de Negros da EST

Negros e Protestantismo no Brasil Alguns Apontamentos

Ricardo Brasil Charão

Hoje, apesar das diversas barreiras impostas pelo racismo insistentemente vivo na sociedade brasileira, a população negra vai, lentamente, conquistando alguns espaços. Este processo é lento e não se dá de forma linear, ou seja, acontecem avanços, recuos, perdas e ganhos. Nas diferentes igrejas protestantes/evangélicas, a população negra também tem conquistado espaços. Em algumas igrejas verifica-se uma grande presença de negros, em outras menos, e em outras ainda, eles são quase inexistentes. Se utilizarmos a já tradicional tipologia para distinguir os diferentes tipos de protestantismo existente no Brasil (Protestantismo histórico, dividido entre igrejas de imigração e de missão; pentecostalismo e; mais recentemente, neopentecostalismo) iremos perceber que a população negra encontra-se praticamente ausente das igrejas oriundas do protestantismo de imigração. Em algumas igrejas oriundas do protestantismo de missão, já encontramos uma forte presença negra. Todavia, é nas igrejas pentecostais e neopen-

tecostais que esta presença é maior.

No que se refere especificamente ao século XIX, pode-se afirmar que ainda dispomos de pouquíssimos estudos na área de história da igreja, sobre protestantismo e escravidão, tanto para o protestantismo de imigração, mas também para o protestantismo de missão. Devemos ter em mente, que o estudo das relações do protestantismo com a escravidão, entendida, enquanto forma de organização do trabalho e instituição determinante das relações entre os diferentes sociais até abolição da escravidão em 1888, é determinante para entendermos as relações do protestantismo com a comunidade negra de forma mais ampla. O protestantismo de missão, oriundo principalmente dos Estados Unidos, chega ao Brasil a partir da segunda metade do século XIX.. São missionários metodistas, batistas e presbiterianos que chegam ao Brasil, em grande medida influenciados e até engajados no projeto civilizatório norte-americano, expresso na doutrina